

Educação Sexual em atividades de extensão do Grupo PET/Biologia na Universidade Federal de Santa Catarina

Sexual Education in extension activities of the Grupo PET/Biologia at Federal University of Santa Catarina

Bruno Tavares
Adriana Mohr
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis-Brasil

Resumo

No contexto brasileiro, diversas pesquisas evidenciam lacunas na formação de professores de Ciências e de Biologia quanto à Educação Sexual. Assim, deve-se considerar a importância de todas as oportunidades de formação nos cursos de graduação para a discussão dessas questões. A investigação objetivou analisar a Educação Sexual realizada em atividades de extensão do Grupo PET/Biologia da Universidade Federal de Santa Catarina. A análise foi realizada a partir de três tipos de documentos de onze anos de atividades do Grupo PET/Biologia no tema da Educação Sexual. Os resultados permitem caracterizar que de 2008 a 2012 a Educação Sexual foi desenvolvida com uma Abordagem Médica, enquanto que de 2013 a 2018, as atividades caracterizam-se como Abordagem Pedagógica.

Palavras-chave: Gênero e sexualidade; Formação de professores; Ensino de Ciências.

Abstract:

In the Brazilian context, several researches reveal gaps in Science and Biology teacher's education regarding Sexual Education. Thus, the importance of all education opportunities in undergraduate courses should be considered for the discussion of these issues. The investigation aimed to analyze Sexual Education carried out in extension activities of the PET/Biology Group at the Federal University of Santa Catarina. The study was carried out based on three categories of documents from the analysis of eleven years of activities of the PET/Biology Group on the theme of Sexual Education. The results allow to conclude that Sexual Education was approached with medical emphasis from 2008 to 2012 and with a pedagogical approach from 2013 to 2018.

Keywords: Gender and sexuality; Teacher education; Science teaching.

Introdução

Sexualidade é parte integrante dos seres humanos, abrangendo, além do ato sexual, questões de afetividade, carícias, amor, identidades sexuais e de gênero, e está presente nos indivíduos desde o nascimento até a morte (FIGUEIRÓ, 2018; MAISTRO, 2009; SAYÃO, 1997). Sendo assim, a sexualidade sempre está presente na escola, seja nas falas (e silêncios) em sala de aula ou nos corredores da instituição escolar (LOURO, 2013). Portanto, a escola não pode se furtar às discussões sistematizadas acerca dessa temática, sob pena de estar negando uma das dimensões de seus educandos.

No que diz respeito a documentos curriculares, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram um avanço nesse sentido, uma vez que eles representaram um marco legal da inserção da sexualidade nos currículos das escolas no Brasil. Sob o nome de “Orientação Sexual” (BRASIL, 1998), um dos sete temas transversais presentes no documento, a discussão da sexualidade passou a integrar as tarefas da escola, para além do processo de Educação Sexual que já ocorria através da família e de outros espaços na sociedade.

Os temas transversais abordados nos PCN, referem-se a questões sociais que, dada suas complexidades, deveriam ser tratadas ao longo dos ciclos de escolarização distribuídos pelas várias disciplinas, como é o caso das discussões acerca da sexualidade (BRASIL, 1998). Mas, apesar desses documentos terem sido importantes norteadores na construção dos currículos brasileiros, várias pesquisas demonstram que a Educação Sexual nas escolas é quase exclusivamente uma tarefa dos professores de Ciências e de Biologia (COELHO; CAMPOS, 2015; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015; FURLANETTO et al., 2018).

É crescente o número de pesquisas que abordam essa temática no campo do Ensino/Educação em Ciências (PEREIRA; MONTEIRO, 2015). Algumas delas se ocupam da formação dos professores de Ciências e de Biologia em Educação Sexual e relatam lacunas na formação (inicial e continuada) desses profissionais (BARCELOS; JACOBUCI, 2011; COELHO; CAMPOS, 2015; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015). Dentre as dificuldades relatadas nesses estudos, destacam-se abordagens restritas da sexualidade, prioridade a aspectos anátomo-fisiológicos, além de ausência de discussões sobre diversidades sexuais e de gênero.

Zanella (2018) investigou o currículo das licenciaturas em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e identificou que discursos de gênero e

sexualidade circulam em diversas disciplinas, assim como em espaços extradisciplinares como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e o Programa de Educação Tutorial (PET), por exemplo. Este último é reconhecido como importante na formação inicial de professores (FRISON, 2013; SILVA et al., 2017).

Resulta daí o entendimento de que, além das disciplinas, é preciso atentar para os espaços extradisciplinaresⁱ como possibilidades na formação de professores de Ciências e de Biologia em Educação Sexual (TAVARES, 2019). Face ao exposto, foi objetivo desta investigação analisar aspectos da Educação Sexual intencionalⁱⁱ de um projeto do PET dos cursos de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina que aborda o tema da sexualidade.

Conceituação e abordagens de Educação Sexual

Entendemos, como Werebe (1998, p. 139) que “a educação sexual compreende todas ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade.”. É também desta autora, o conceito que utilizamos para qualificar a Educação Sexual. Ela a classifica em “intencional” (“formal”) - atividades sistemáticas e com objetivos estabelecidos – e “informal” aquelas que abarcam ações assistemáticas e não intencionais, mas que acabam educando, quanto às questões de sexualidade (WEREBE, 1998). O objeto de investigação deste estudo foram as atividades de Educação Sexual intencional realizadas por projeto do PET/Biologia/UFSC nos últimos onze anos.

Atividades neste tema podem ocorrer sob diferentes bases filosóficas, pedagógicas ou metodológicas, resultando em diversas abordagens de Educação Sexual. No presente estudo, para analisar o objeto estudado, utilizamo-nos das cinco abordagens de Educação Sexual propostas por Figueiró (1996b; 2010; 2014): religiosa católica, religiosa protestante, médica, pedagógica e emancipatória. Esta autora ressalta a importância de os professores reconhecerem quais abordagens embasam suas atividades de Educação Sexual para empreender mudanças, caso julguem necessário ou mesmo para se preparar para atuar em alguma(s) delas (FIGUEIRÓ, 2010). Dessa maneira, parece-nos essencial o reconhecimento dessas abordagens nos cenários formativos dos professores de Ciências e de Biologia, no

sentido de evidenciar e discutir sob que bases as discussões acerca da sexualidade estão sendo desenvolvidas.

O PET e o projeto que aborda Educação Sexual

O PET tem compromisso com a formação de profissionais dos cursos de graduação nas mais diversas áreas do conhecimento (BRASIL, 2006) e incentiva seus participantes a atuarem em grupos de pesquisa, assim como a envolver-se no ensino, por meio de práticas voltadas à educação básica, ou mesmo na graduação. Também, nos grupos PET valoriza-se a interdisciplinaridade e a atuação coletiva como aspectos basilares na formação dos integrantes do programa (BRASIL, 2006).

Um dos elementos de avaliação desses programas no Brasil, é o relatório anual que cada grupo produz e submete à plataforma do Sistema de Gestão do Programa de Educação Tutorial (SIGPET). Nestes documentos, são relatadas as principais atividades realizadas por cada grupo PET, com base nos planejamentos anuais da equipe. Os relatórios anuais se propõem a explicitar as práticas dos grupos, assim como a metodologia utilizada, resultados e principais objetivos alcançados. Por sua natureza descritiva, tais documentos foram importantes fontes de pesquisa, compondo o *corpus* analítico deste estudo.

O PET/Biologia existe na UFSC desde 1992. No ano de 2019 contava com quatro projetos de extensão em andamento. Um deles é o “Miolhe: gênero, sexualidade e educação”, objeto da presente investigação. Este projeto foi criado em 2006 (PLUCENIO et al., 2010), sob o nome “Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social” o qual perdurou de 2006 a 2012, tratando temáticas como alimentação, parasitoses e sexualidade. Ao longo dos anos, o projeto relativo ao tema da Educação Sexual passou por algumas reformulações de foco que lhe renderam diferentes nomes: “Uma Nova Visão de Sexualidade” (em 2013), “Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão” (de 2014 a 2016), “Sexualidade na Escola e na Universidade” (em 2017) e finalmente “Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação” (a partir de 2018)ⁱⁱⁱ.

As distintas designações expressam modificações de objetivos e fundamentos do projeto como se verá nos resultados e análises dos dados da investigação. O primeiro autor deste texto foi integrante do projeto nos anos de 2015, 2016 e 2018, sendo que sua

percepção das mudanças ocorridas no projeto compõe parte dos elementos que instigaram a presente investigação.

Metodologia

A investigação tem natureza qualitativa, uma vez que analisa aspectos da Educação Sexual, na perspectiva do “[...] universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes.” (MINAYO, 2015, p. 21).

Compuseram o *corpus* do estudo três tipos de documentos que descrevem atividades de Educação Sexual desenvolvidas pelo projeto em questão e que, abarcam onze anos (Quadro 1), período relativo ao qual os relatórios estavam disponíveis na ocasião do estudo.

Quadro 1. Documentos que compõem o *corpus* de análise do estudo.

Documentos	Anos
11 relatórios anuais do PET/Biologia/UFSC	2008 a 2018
3 artigos publicados pelo grupo integrante do projeto	2009, 2012 e 2013
6 postagens publicadas no site [nome]	2009, 2011 e 2012

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A pesquisa analisou fontes documentais primárias (relatórios anuais e postagens) e secundárias (artigos), o que a aproxima da pesquisa documental e bibliográfica, respectivamente, segundo discussões de Gil (2008) e Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009). A utilização de diferentes tipos de documentos gerados ao longo dos anos do projeto permite enriquecer a análise, uma vez que documentos “[...] não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39).

Os resultados foram obtidos a partir da leitura integral dos vinte documentos orientada por uma ficha composta por seis aspectos analíticos^{iv}, que foram consolidados em dois para este texto: (a) conteúdos presentes nas atividades desenvolvidas pelo projeto e (b) abordagens de Educação Sexual identificadas nas atividades realizadas pelo projeto.

Todos os trechos de cada documento que envolviam a Educação Sexual foram destacados, transcritos na ficha e a análise foi realizada com auxílio da literatura que aborda a temática.

Resultados e Discussão

Após a caracterização dos documentos que compuseram o *corpus* da investigação, os resultados e a discussão são apresentados a partir de cada aspecto de análise.

Caracterização dos documentos

Os relatórios anuais (Quadro 2) foram produzidos pelos integrantes do programa ao fim de cada ano no intuito de apresentar as atividades desenvolvidas por cada projeto do PET/Biologia/UFSC.

Quadro 2. Estrutura dos Relatórios Anuais do PET/Biologia/UFSC.

Ano	Nome do projeto	A	B	C
2008	“Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social”	34	2	0
2009	“Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social”	27	6	2
2010	“Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social”	66	4	0
2011	“Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social”	67	4	1
2012	“Educação em Saúde: um Exercício de Inclusão Social”	59	3	2
2013	“Uma Nova Visão de Sexualidade”	27	2	1
2014	“Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão”	23	2	0
2015	“Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão”	22	3	1
2016	“Educação em Sexualidade, Uma Nova Visão”	22	3	0
2017	“Sexualidade na Escola e na Universidade”	36	4	0
2018	“Miolhe: Gênero, Sexualidade e Educação”	24	2	0
Total		407	35	7

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020. **A=** números de páginas totais do relatório; **B=** número de páginas dedicadas ao projeto em tela; **C=** número de páginas que contêm informações sobre ES fora do espaço do projeto em tela.

Educação Sexual em atividades de extensão do Grupo PET/Biologia na Universidade Federal de Santa Catarina

“Métodos Contraceptivos”											
“Fisiologia do Sistema Reprodutor” ou “Sexual”											
“DSTs” [sic]											
“Gravidez na Adolescência”											
“Corpo Humano”											
“Gênero”											
“Respeito e Autocuidado”											
“Aborto”											
“Virgindade”											
“Transexualidade”											
“Menstruação”											
“Prazer”											
“Ditadura da Beleza”											
“Abordagens de Educação Sexual”											

Fonte: Elaborado pelos autores, 2020.

A análise dos conteúdos abordados pelo projeto ao longo de onze anos permite identificar dois períodos no projeto: o primeiro (2008 a 2012) compreende temas mais variados de Educação em Saúde, incluindo assuntos relativos à sexualidade; o segundo (2013 a 2018) caracteriza-se por abordar exclusivamente temas relacionados diretamente à Educação Sexual.

Neste segundo período verificamos um tratamento mais amplo do tema sexualidade e sua discussão. No primeiro período, os conteúdos relativos à sexualidade eram restritos a temas atinentes a anatomia, fisiologia e aspectos médicos, o que pode ser explicado em parte por integrarem atividades de Educação em Saúde desenvolvidas de forma normativa e prescritiva (VENTURI, 2018). Tal formato pode ser reconhecido, por exemplo, no seguinte excerto:

[...] o presente projeto objetiva uma educação em saúde efetiva para que após sua aplicação às comunidades, seus integrantes possam seguir adotando medidas para a

conquista de uma vida melhor e mais saudável. [...] fazer com que a comunidade-alvo crie uma postura preventiva e melhore seu bem-estar. (PET/Biologia/UFSC, 2009, p. 3, grifos nossos)

Desse modo, nosso estudo tem resultados semelhantes aquele de Coelho e Campos (2015) quanto à criação de um entendimento de que a sexualidade se encerra em alguns conhecimentos de anatomia e fisiologia da sexualidade e normas sanitárias, bastando então à educação sexual, o tratamento de assuntos como Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), Métodos Contraceptivos e Anátomo-fisiologia do Sistema Sexual. Estes autores também ressaltam que “a temática diversidade sexual não faz parte das práticas pedagógicas desses professores, sendo que *suas ações que envolvem sexualidade parecem ainda se limitar à anatomia, aspectos médico-fisiológicos e preventivos.*” (COELHO; CAMPOS, 2015, p. 907, grifo nosso).

Os autores ainda mencionam que os professores entrevistados em seu estudo avaliam como insuficiente sua formação inicial nos cursos de biologia para o tratamento mais amplo da sexualidade, o que estaria relacionado à sua limitação aos temas acima mencionados (anatomia, fisiologia, prevenção) e exclusão de propostas pedagógicas que pensem as diversidades sexuais (COELHO; CAMPOS, 2015). Portanto, é importante que nos espaços de formação desses cursos de biologia, mesmo os extradisciplinares, como é o caso do PET, sejam apresentados conteúdos mais diversos em relação à sexualidade, tais como aqueles presentes no segundo momento do projeto analisado, como gênero, aborto, transexualidade, prazer, entre outros.

Conteúdos de anatomia e fisiologia são encontrados e designados nos documentos de ambos os períodos pelos termos "sistema reprodutor" e "sistema sexual", o que denota a positiva ciência do que propôs Furlani (2013): substituição de 'reprodutor' por 'sexual' para retirar a finalidade compulsória da procriação desse sistema do corpo humano. Da mesma forma, também concordamos com a autora quando ela sustenta que a nomenclatura/ termos não são neutros e possuem implicações ao serem utilizados.

Ainda sobre adequação de termos, desde 2016, a expressão DST foi substituída por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (MS, 2016), uma vez que essas infecções em alguns casos, não causam sintomas nas pessoas, não sendo, portanto, um estado de doença. Nos documentos ainda houve menção a DST no relatório anual do projeto de 2017, mas não em 2018 (Quadro 3). Esse aspecto é importante quando se trata da formação em

Educação Sexual, já que a perpetuação do termo “DST”, além de obsoleta pode acentuar estigmas relacionados à sexualidade: “IST” desfaz a relação direta entre sexualidade e doença.

Abordagens de Educação Sexual no projeto

A análise dos documentos, a partir dos conteúdos e dos demais quatro aspectos da ficha analítica (mencionados na nota 5), forneceram elementos que permitem aproximações^v entre atividades de Educação Sexual realizadas no projeto e algumas das abordagens de Educação Sexual caracterizadas por Figueiró (2010). E estas abordagens são características de dois grandes períodos identificados no projeto: de 2008 a 2012 vemos predomínio de aspectos que remetem à “Abordagem Médica”; de 2013 a 2018 estão presentes aspectos relacionados à “Abordagem Pedagógica”, com alguns aspectos, ainda que de forma embrionária, da “Abordagem Emancipatória”. A seguir, cada um dos períodos do projeto é apresentado e discutido.

Período 2008-2012

Neste período, fornecer informações visando uma postura preventiva é objetivo privilegiado das ações do projeto, o que caracteriza a “Abordagem Médica” de Figueiró (2010), e que podemos observar nos seguintes trechos:

Trabalhar o conceito de *Saúde* e inter-relacionar temas diversos (Higiene e profilaxia contra parasitoses, *Doenças Sexualmente Transmissíveis [sic]* e *Sexualidade* e *Saúde* e *Alimentação*), com o *objetivo de promover uma educação em saúde efetiva*, fazer com que a comunidade-alvo *crie uma postura preventiva* e melhore seu bem-estar. (PET/Biologia/UFSC, 2009, p. 3, grifos nossos)

Eram apresentados pôsteres sobre Parasitoses e sobre Alimentação, jogos interativos de pergunta e resposta, quadro interativo de *métodos contraceptivos* e pirâmide alimentar interativa, para que os visitantes do estande esclareçam dúvidas acerca dos temas apresentados, visando gerar uma discussão não só sobre *doenças e saúde*, mas também sobre *posturas preventivas e de bem-estar que possam ser adotadas*. (PET/Biologia/UFSC, 2009; 2011, grifos nossos)

Também, a presença preponderante dos conteúdos “Doenças Sexualmente Transmissíveis” (mencionadas no excerto anterior), “métodos contraceptivos” e “sistemas reprodutores/sexuais”, caracterizam a perspectiva predominante na discussão acerca de

sexualidade nesse período. Esse padrão é observado nos três tipos de documentos analisados.

Uma “Abordagem Médica” limita a sexualidade à prevenção, o que pode resultar na criação de uma aura negativa e de perigo em torno da sexualidade (LOURO, 2013; VIEIRA; MATSUKURA, 2017; VITIELLO, 1995); o que já está presente nos PCN: “na discussão das doenças sexualmente transmissíveis/Aids o enfoque precisa ser coerente com isso e não acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte.” (BRASIL, 1998, p. 325). Sayão (1997) afirma que as primeiras experiências em Educação Sexual nas escolas brasileiras, no início do século XX, eram pautadas exatamente na prevenção das chamadas doenças venéreas, o que resultou na moralização e repressão da sexualidade. A relação prevenção e Educação Sexual, pode também estar relacionada à eventos ocorridos no fim do século XX (FURLANI, 2008). Como destacado por César (2009, p. 38), “nos últimos vinte anos, após o surgimento da epidemia do HIV/AIDS e o reconhecimento da gravidez de jovens em idade escolar, a sexualidade se consolidou como lugar de fala em torno à ideia de prevenção.”.

Também identificamos uma discutível postura prescritiva na Educação em Saúde e na Educação Sexual nos documentos de 2008 a 2012. Mas, “quem seria o encarregado de estabelecer os comportamentos e atitudes adequados? Quem julgaria os objetivos e a consequente avaliação dos comportamentos desejados? Em que bases? Qual o padrão de normalidade que se adotaria?” (MOHR, 2002, p. 75).

Além dos aspectos preventivo e prescritivo, os documentos analisados expressam a atenção, neste período, à díade saúde-doença, o que é outra característica fundamental da “Abordagem Médica” de Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 2010). Um exemplo deste resultado está presente em um dos artigos do corpus, que aborda as experiências havidas no ano de 2009:

A simples informação ou divulgação ou transmissão de conhecimento de como ter saúde ou evitar uma doença, por si só, não vão contribuir para que a população seja mais sadia [...] o Projeto [nome] surge visando favorecer a consciência do direito à saúde, instrumentalizar cidadãos para a intervenção individual e coletiva sobre os processos saúde e doença [...] (PLUCENIO et al, 2010, p. 14, grifos nossos)

No primeiro período do projeto, dentre os conteúdos abordados (Quadro 3), não foram mencionados temas como prazer, questões de gênero, aborto e virgindade, por exemplo. Mas os temas presentes versam a prevenção e a reprodução. Cria-se, então, um

problema: não pela presença de conteúdos de ciências e de biologia em si, os quais são importantes para as discussões de gênero e sexualidade, mas pelo fato de se reduzir uma questão multifacetada a apenas um de seus aspectos. Dessa maneira, “com a sexualidade apresentada desconectada de aspectos históricos ou culturais, o Ensino de Ciências acaba por contribuir para a (re) produção do heterossexismo, da homofobia e de significações excludentes relacionadas ao gênero.” (COELHO; CAMPOS, 2015, p. 899). Assim, uma Educação Sexual restrita à “Abordagem Médica” pode significar a perpetuação de padrões excludentes na formação de professores de Ciências e de Biologia, uma vez que não oportuniza debates mais amplos sobre o tema da sexualidade.

Furlanetto e colaboradores (2018) evidenciaram, em seu trabalho de revisão sistemática de atividades de Educação Sexual no Brasil, predomínio de temas e abordagens mais relacionadas a objetivos médicos e preventivos. Dessa maneira, nossos resultados, para esse período do projeto refletiu e confirma os padrões já encontrados na literatura.

Período 2013-2018

Este período é marcado por aspectos que remetem à ampliação da ideia de sexualidade, o que foi percebido através dos objetivos e conteúdos que integraram os documentos a partir de 2013. Assim, aproximamos esta fase como à “Abordagem Pedagógica” de Educação Sexual (FIGUEIRÓ, 2010), na qual:

[...] o processo ensino-aprendizagem dos conteúdos básicos da sexualidade é o foco central, podendo ser dada ênfase também ao aspecto formativo - discussão de valores, sentimentos e atitudes - e ao desenvolvimento do educando. A Educação Sexual é encarada como meio de preparar o educando para viver bem a sua sexualidade, sem haver preocupação com engajamentos no processo de transformação social. (FIGUEIRÓ, 2014, p. 94, grifos nossos)

Constatamos que no projeto, a partir de 2013, há ampliação de assuntos relativos à sexualidade (valores, preconceitos, questões de gênero, entre outras, quadro 3), ainda que isto se verifique apenas em nível individual. Três excertos exemplificam nossa análise:

A sexualidade é uma das dimensões do indivíduo e envolve aspectos da vida como o amor, o erotismo, opções sexuais [sic], envolvimento emocional e reprodução. Isso faz da sexualidade um fator importante para a formação da identidade e desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Educação sexual deve não só abordar métodos contraceptivos e prevenção de Doenças Sexualmente

Transmissíveis [sic], mas também favorecer o próprio entendimento, o desenvolvimento do respeito, do compromisso, do auto cuidado e do cuidado com o outro. (PET/Biologia/UFSC, 2013, p. 11, grifos nossos)

Constituindo-se de um *conceito amplo e que sofre influências socioculturais*, podendo ser expressa e experimentada de diversas formas. Isso faz da sexualidade um fator importante para a *formação da identidade e desenvolvimento da personalidade do indivíduo*. (CASTELLANI et al., 2013, p. 2, grifos nossos)

Para a adequação do projeto à proposta do grupo, primeiramente *objetivou-se construir um conceito de sexualidade que extrapolasse a ideia de que esta resume-se apenas ao conceito biológico [...]* Outra importante maneira de desenvolver essa ideia foi a exposição do vídeo produzido pelo projeto, em que pessoas eram questionadas, dentro do campus da UFSC, sobre o que para elas era sexualidade. Com a pluralidade de respostas notadas no vídeo, os alunos puderam construir ou reconstruir o seu próprio conceito [...] (ALMEIDA et al., 2014, p. 6, grifos nossos)

Outro aspecto que nos permite identificar este período refere-se ao aparecimento, a partir de 2012 e até 2018, da palavra gênero com o significado caracterizado por Zanella (2018) como entendimento de construção social acerca das masculinidades e feminilidades. No período anterior, a palavra “gênero” se referia unicamente a uma das categorias taxonômicas de classificação da diversidade biológica.

Somando-se a essas análises, o objetivo do projeto de Educação Sexual presente a partir de 2013, denota mudança do entendimento da sexualidade: “O projeto visa proporcionar aos adolescentes e jovens uma *visão ampla a respeito da sexualidade*, contribuindo para um maior *respeito à diversidade*, uma *redução de preconceito* e maior *autoconhecimento*.” (PET/Biologia/UFSC, 2013; 2014; 2015; 2016; 2017; 2018, grifos nossos). Isto concorda com a importância de discutir as diversidades e reduzir preconceitos, denotando alguma aproximação com a “Abordagem Emancipatória” de Educação Sexual que:

Embora também considere a relevância da vivência pessoal positiva e saudável da sexualidade, *caracteriza-se essencialmente em perceber na Educação Sexual um compromisso com a transformação social*, conduzindo as discussões para as questões que envolvem relações de poder, *aceitação das diferenças e respeito pelas minorias*. (FIGUEIRÓ, 2014, p. 95, grifos nossos)

Apesar do alinhamento dos objetivos do projeto neste período com compreensões mais contemporâneas e avançadas sobre sexualidades, nossas análises do conjunto dos documentos ainda mostram uma visão de sexualidade majoritariamente limitada ao nível do indivíduo e não como luta coletiva de transformação social dos padrões opressivos de sexualidade.

Considerações Finais:

A partir das análises, destacamos pontos muito positivos realizados pelo coletivo deste espaço curricular extradisciplinar. Notamos uma ampliação da ideia de sexualidade no projeto analisado, com destaque aos últimos seis anos analisados. Essa mudança de tratamento da temática se expressa nos conteúdos e abordagens presentes nas atividades de Educação Sexual desenvolvidas, os quais passaram a ser mais diversificados e abrangentes.

O projeto analisado parece reproduzir, ainda que em menor escala, as mudanças ocorridas na Educação Sexual brasileira ao longo dos anos: as primeiras atividades tinham abordagens mais restritas de sexualidade, ligadas a aspectos anátomo-fisiológicos e à saúde; posteriormente ampliam-se as abordagens com discussão sobre valores e tabus da sexualidade humana, como aborto, virgindade, diversidades sexuais e de gênero, por exemplo (FIGUEIRÓ, 2010).

Tendo estes aspectos em vista, destacamos a importância do projeto no tocante à formação de professores de Ciências e de Biologia em Educação Sexual na UFSC em contraponto com disciplinas dos cursos desta instituição. Isso porque, análises de Zanella (2018, p. 81) constataram que “os documentos normativos dos cursos de Licenciatura trazem sentidos alinhados a conceituações higienistas, essencialistas e estereotipadas de gênero e sexo”, tanto em disciplinas obrigatórias quanto optativas, o que restringe o tratamento de gênero e sexualidade nesse contexto formativo. Portanto, a presença das atividades de Educação Sexual oportunizadas pelo projeto, em especial nos últimos seis anos de análise, são cruciais na formação dos futuros professores para uma discussão não restrita de sexualidade.

De fato, o PET/Biologia/UFSC, além de promover atividades de ensino, pesquisa e extensão em Educação Sexual na educação básica, é dos poucos espaços curriculares que oportuniza espaços e tempos para discussão das questões de sexualidade nos cursos de Ciências Biológicas da UFSC. E, ainda que pensemos mais frequentemente na importância formativa do projeto apenas para seus integrantes, assinalamos que são oferecidas

inúmeras atividades de Educação Sexual para todo o corpo discente dos cursos. Assim sendo, parece-nos muito positiva e desejável a manutenção e ampliação dessas atividades de Educação Sexual no PET/Biologia/UFSC, de modo a oportunizar espaços e tempos de discussão nos currículos de licenciatura, ainda que de modo extradisciplinar, que tratem de aspectos importantes da sexualidade que nem sempre são garantidos, ou mesmo abordados, nas disciplinas.

A investigação propiciou o surgimento de novas questões, que elencamos como necessárias para a pesquisa no campo da educação sexual e da educação em Ciências. Entre elas, destacamos a relevância de investigar o impacto do programa e mais especificamente do projeto que discute sexualidade, na formação de seus integrantes e dos outros licenciandos para tratar da Educação Sexual. Algumas questões que aguardam maiores estudos: as atividades oferecidas por este (ou outro) projeto no tema da educação sexual são amplamente frequentadas pelos licenciandos dos cursos de Ciências Biológicas da instituição? Quais as principais diferenças entre as abordagens de Educação Sexual nas disciplinas desses cursos e nos espaços promovidos pelo PET/Biologia/UFSC? Como essas atividades auxiliam os licenciandos e integrantes do projeto na reflexão sobre aspectos da sexualidade e em sua discussão? Qual o impacto das atividades do projeto, especialmente em seus seis últimos anos para a formação dos graduandos como futuros professores ou profissionais do campo da Biologia?

Registramos também uma das limitações da presente pesquisa, qual seja, utilizar unicamente documentos escritos produzidos pelo próprio programa para compor o *corpus* analítico referente às atividades de Educação Sexual no projeto. Em decorrência disso, sugerimos a continuidade das reflexões voltadas às práticas dos integrantes, através de observações e/ou entrevistas, apreendendo outros aspectos de Educação Sexual para além dos documentos. Por exemplo, as abordagens descritas por Figueiró (2010; 2014), podem ser empregadas também em análises de observações de práticas e entrevistas. Isso porque, o reconhecimento de tais abordagens de Educação Sexual no contexto da formação de professores de Ciências e de Biologia é um ponto relevante, principalmente levando em conta que inúmeras pesquisas apontam predominância de enfoques anátomo-fisiológicos e médicos, bem como a ausência de discussão das diversidades sexuais e de gênero nas licenciaturas em Ciências Biológicas no Brasil.

Por fim, sugerimos a realização de mais pesquisas voltadas aos espaços extradisciplinares nos currículos de licenciaturas em Ciências Biológicas, de modo a elucidar sua relação com aspectos da formação dos licenciandos para abordagem de Educação Sexual.

Referências

- ALMEIDA, C. S. et al. Educação em Sexualidade, uma nova visão - Experiências do PET Biologia UFSC. **Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio)**, v.7, p. 5114-5122, 2014.
- BARCELOS, N. N. S.; JACOBUECCI, D. F. C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Superior. **Programa de Educação Tutorial Manual de Orientações Básicas/MOBPET**. Brasília: SES, 2006.
- CASTELLANI, T. T. et al. Experiências do Projeto Educação em Sexualidade e Gênero, uma nova visão. In: Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, 2013, Florianópolis. **Anais...** . Florianópolis, 2013.
- CÉSAR, M.R.A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.
- COELHO, L.J.; CAMPOS, L.M.L. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.
- DINIZ, B.L.R.; CIRINO, M.M.; HEREDERO, E.S. Formação inicial em educação sexual: percepções de professores de Biologia de um Instituto de Educação Secundária de Guadalajara (Espanha). In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 10, 2015, Águas de Lindóia. **Anais...** . Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2015.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. Educação sexual: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. **Semina: Ciências Sociais/Humanas**, v. 17, n. 3, p. 286-293, 1996a.

- FIGUEIRÓ, M.N.D. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**, n. 98, p. 50-63, 1996b.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação Sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3 ed. Londrina: Eduel, 2010.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. 2 ed. Londrina: Eduel, 2014.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. O sentido do sexo na vida das pessoas. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual**: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV, p. 243-258, 2018.
- FRISON, L.M.B. Tutoria: uma prática de ensino autorregulada utilizada no ensino superior. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, p.66-81, 2013.
- FURLANETTO, M.F. et al. Educação Sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n.168, p. 550-571, 2018.
- FURLANI, J. Educação Sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FURLANI, J. **O bicho vai pegar**: um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- FURLANI, J. Educação Sexual - quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 283-317, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LOURO, G.L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. (org.). **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MAISTRO, V. I. A. Desafios de um projeto de Educação Sexual na escola. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual**: em busca de mudanças. Londrina: UEL, p. 35-62, 2009.
- MAISTRO, V.I.A.; ARRUDA, S.M., JÚNIOR, A.L. O papel do professor em um projeto de Educação Sexual. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 7, 2009, Florianópolis. **Anais...** .Florianópolis: ABRAPEC, 2009.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOHR, A. **A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências**. 2002. 409 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Departamento passa a utilizar nomenclatura "IST" no lugar de "DST"**. 2016. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências no Brasil: Análise da Produção Científica. **Contexto & Educação**, v. 30, n. 95, 2015.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Relatório Anual de Atividades**. 2009.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Relatório Anual de Atividades**. 2011.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Relatório Anual - 2013**. 2013.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Relatório Anual - 2014**. 2014.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Relatório Anual - 2015**. 2015.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Relatório de Atividades 2016**. 2016.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Relatório de Atividades 2017**. 2017.

PET/BIOLOGIA/UFSC. **Relatório de Atividades 2018**. 2018.

PLUCENIO, R. M. et al. Atividades do Projeto “Educação em Saúde como um exercício de inclusão social”: Ações em 2009. **Extensio**, Florianópolis, v.7, n.9, p. 12-23, 2010.

SÁ-SILVA, J.R.; ALMEIDA, C.D.; GUINDANI, J.F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v.1, n.1, p. 1-15, 2009

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In:

AQUINO, J.G. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p.107-117.

SILVA, M.M.F. et al. O pet-educação no contexto da formação acadêmica: as licenciaturas em evidência. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, v.21, n.3, p. 1499-1516, 2017.

TAVARES, B. Formação de professores de Ciências e de Biologia em Educação Sexual: revisitando limites e possibilidades. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 12, 2019, Natal. **Anais...** . Natal: ABRAPEC, 2019.

VENTURI, T. **Educação em Saúde sob uma perspectiva pedagógica e formação de professores:** contribuições das ilhotas interdisciplinares de racionalidade para o desenvolvimento profissional docente. 2018. 303 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis.

VIEIRA, P.M.; MATSUKURA, T.S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, 2017.

VITIELLO, N. A educação sexual necessária. **Revista Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana**, n. 6, v. 1, p. 15-28, 1995.

WEREBE, M.J.G. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.

ZANELLA, L. **Entre silêncios e resistências:** sentidos sobre gênero e sexualidade na licenciatura em Ciências Biológicas. 2018. 175f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis.

Notas

ⁱ Espaços extradisciplinares são atividades integrantes do currículo, mas não se configuram enquanto disciplinas propriamente ditas.

ⁱⁱ Após delinear o conceito de Educação Sexual intencional na próxima seção, passaremos a utilizar, ao longo do texto, apenas a expressão simplificada: Educação Sexual.

ⁱⁱⁱ Tendo em vista que o projeto em questão teve diversos nomes além do atual, decidimos padronizar ao longo do artigo o uso do termo “projeto” em referência a todas essas denominações e, em alguns poucos casos, utilizamos o nome do projeto em época específica.

^{iv} 1. Estrutura geral; 2. Terminologias utilizadas para designar as discussões de sexualidade; 3. Faixa etária e níveis de ensino atendidos pelas atividades do projeto; 4. Tipo de atividades realizadas; 5. Conteúdos presentes e 6. Abordagens de Educação Sexual.

^v Dizemos aproximações, pois como argumenta Figueiró (2010), a caracterização de ações e textos em determinada abordagem não necessita da presença de todos os aspectos de certa abordagem.

Sobre os autores

Bruno Tavares

Licenciado em Ciências Biológicas (2020). Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT/UFSC). É pesquisador integrante do grupo CASULO - Pesquisa e Educação em Ciências e Biologia, da Universidade Federal de Santa Catarina. Realiza pesquisas envolvendo as temáticas de gênero, sexualidade e educação em ciências e em biologia.

E-mail: brunotavares33@hotmail.com ; **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9300-5609>

Adriana Mohr

Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988), mestre em Educação pelo IESAE/FGV (1994) e doutora em Educação: ensino de ciências naturais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002) com doutorado-sanduíche na Université de Rouen e no Institut National de Recherche Pédagogique, França (1997-1998). Atualmente é professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina no Departamento de Metodologia de Ensino e no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica.

E-mail: adriana.mohr.ufsc@gmail.com ; **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-6741-2112>

Recebido em: 23/01/2021

Aceito para publicação em: 16/02/2021